



Antracnose da videira: perdas podem chegar a 100%

Lucas da R. Garrido
Fitopatologia
Embrapa Uva e Vinho

A antracnose é uma doença importante da videira, também conhecida como varola ou “olho-de-passarinho”, que costuma aparecer no início do ciclo vegetativo da planta e estende-se até o início da maturação das bagas. O agente causador dessa doença pode ser tanto o fungo *Elsinoe ampelina*, quanto *Glomerella cingulata*. Apresenta-se distribuída em todas as regiões vitícolas brasileiras, especialmente na região Sul do Brasil. Contudo, nem todos os vinhedos estão contaminados com a antracnose e as infecções iniciais ocorrem em reboleiras. Além de causar perda de produção, que podem chegar a 100%, pode afetar toda a parte aérea da planta comprometendo seu desenvolvimento nos anos subsequentes. Outro dano observado é o baixo vigor das plantas que foram atacadas na safra anterior

cancros, de coloração cinzenta no centro e bordos negros levemente salientes. Sob condições de alta umidade, o centro das lesões costumam apresentar uma massa rosada formada pela esporulação do fungo. Se o ataque se dá na extremidade, o ramo jovem fica com o desenvolvimento comprometido e a parte atacada pode ser totalmente destruída, apresentando aspecto de queimado (Figura 3). Nos ramos maduros, os cancrs tornam-se profundos (Figura 2), semelhantes a danos causados por granizo, podendo provocar rachaduras ou quebras dos mesmos. Os sarmentos são mais atacados na sua base, pela proximidade da fonte de inóculo presente no ramo do ano anterior. Nas inflorescências, ocorre a seca, o escurecimento e a queda dos botões florais. Nas bagas, a doença manifesta-se como manchas arredondadas, necróticas e isoladas. O tecido atacado torna-se mumificado adquirindo coloração cinza-escuro no centro



Figura 2: Cancros em pecíolo e nos ramos herbáceo causado por antracnose.

foram atacadas na safra anterior, vindo a comprometer, em parte, a safra seguinte.

O fungo ataca todos os órgãos verdes da planta (folhas, gavinhas, ramos, inflorescências e frutos), sendo os tecidos mais jovens e tenros os mais suscetíveis. Nas folhas, formam-se, inicialmente manchas circulares castanho-escuras e levemente deprimidas (Figura 1) que, posteriormente, necrosam. O tecido morto pode desprender-se da lesão, originando um pequeno furo. No pecíolo e nas nervuras da folha essas lesões são mais alongadas, sendo mais facilmente perceptíveis na face inferior. A suscetibilidade da folha diminui à medida que se tornam maduras, mas a ponta dos ramos novos ainda pode ser afetada pelo fungo. Nos brotos, ramos e gavinhas, aparecem lesões necróticas (Figura 2) pardo-escuras que vão se alargando, aprofundando-se no centro e transformando-se em

as gavinhas, pecíolos, folhas, pedúnculos e bagas. (Figura 4), dando origem ao que popularmente se chama de “olho-de-passarinho”. As bagas afetadas pela doença apresentam menor conteúdo de açúcares.

O fungo sobrevive de um ano para o outro nas lesões dos sarmentos e gavinhas, bem como sobre os restos culturais sobre o solo. Ao final do ciclo da cultura, pode haver formação de escleródios (estruturas de resistência) nos bordos das lesões. Os escleródios no início da primavera, em condições de alta umidade, dão origem aos conídios (sementes do fungo) pela ação dos respingos da água de orvalho ou da chuva e do vento, são disseminados para as partes verdes da planta em desenvolvimento, iniciando novas infecções. Nas lesões primárias resultantes, produz-se inóculo secundário responsável por lesões em outras partes da planta, como

as gavinhas, pecíolos, folhas, pedúnculos e bagas.

O fungo se desenvolve numa ampla faixa de temperatura, de 2°C a 32°C, sendo a temperatura ótima entre 24°C e 26°C, associado com primaveras chuvosas, nevoeiros ou cerrações, com umidade relativa superior de 90%, sendo ainda favorecida por ventos frios. A doença surge mais em áreas localizadas do vinhedo, pois sua dispersão depende principalmente da chuva e em parte pelo vento, podendo chegar até 7 metros da fonte de inóculo. Em longas distâncias a dispersão pode ocorrer com o transporte de mudas ou materiais de propagação infectados.

O controle mais adequado da antracnose da videira depende da utilização de um conjunto de medidas para um manejo mais eficiente da doença, não devendo ser restrito apenas a utilização de

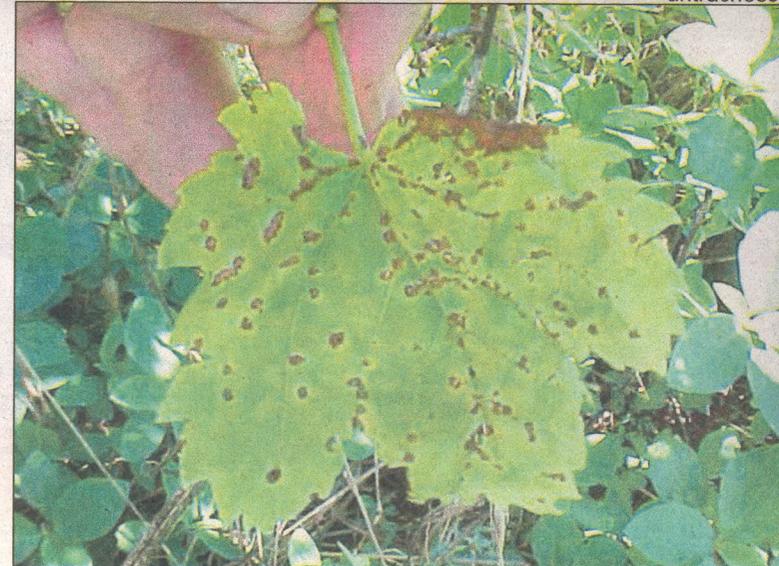


Figura 1: Necrose e deformação da folha causada por antracnose.

fungicidas. Assim, deve-se aliar a escolha do local adequado de plantio, uso de cultivares resistentes, material de propagação sadio, adubação equilibrada, manejo correto da cultura, eliminação de

plantas ou partes vegetais doentes e o uso de fungicidas. Depois de seu estabelecimento, a antracnose é de difícil controle, devendo-se adotar medidas preventivas desde a implantação da videira.

SÂNDALO

Fone: 55 (47) 3281-0200
sandalo@sandalo.ind.br
www.sandalo.ind.br



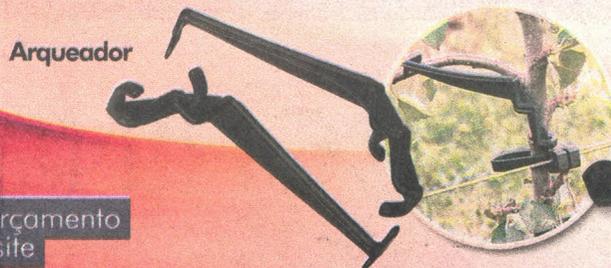
Faça um orçamento em nosso site



Gavinha Plástica



Corrente Vimiplast



Arqueador



Fixacaule

Viticultura

Pomicultura



O que evitar para ter vinhedos saudáveis

Na escolha do local para plantio, deve-se evitar baixadas úmidas e terrenos expostos aos ventos frios, construindo-se quebra-ventos, caso a única área disponível esteja sujeita a essa condição ambiental. O material vegetativo contaminado, utilizado para a produção de mudas, contribui para a disseminação da doença nos novos plantios. Logo, deve-se dar preferência por mudas sadias de qualidade. O produtor deve evitar o excesso de adubações nitrogenadas, que contribuem para o agravamento da doença no parreiral. O manejo da parte aérea deve visar o arejamento da copa, a fim de evitar

a formação de um microclima favorável a doença (major duração de molhamento foliar). Quando se observa incidência de antracnose em anos anteriores, o controle deve ser iniciado no período de repouso da videira, pela poda e eliminação do vinhedo dos ramos doentes e o tratamento químico de inverno com calda sulfocálcica 4°Bé, direcionado para a base dos ramos visando eliminar ou reduzir o inóculo inicial. Esta medida vem sendo recomendada e utilizada, há anos, pelos produtores de outros países vitivinícolas. Desta forma, busca-se diminuir as fontes de inóculo e aumentar

a eficiência dos tratamentos químicos, aplicados durante a brotação da primavera. Os tratamentos com fungicidas devem ser iniciados no estágio de “ponta-verde” com intervalos de 7 a 10 dias até o início da mudança de cor das bagas. Quando forem altas a incidência e a severidade da doença durante as brotações, com condições climáticas adversas para o controle, recomenda-se eliminar os brotos atacados e seguir com a aplicação de produtos químicos que apresentem ação curativa e sistêmica.

A doença atinge variedades européias, americanas e híbridas, inclusive porta-

enxertos, porém existem cultivares com diferentes graus de resistência. Essas características varietais associadas às condições climáticas locais vão determinar o número de tratamentos necessários para o controle do fungo. Dentre os fungicidas recomendados destacam-se os de contato, dithianon, clorotalonil e os sistêmicos, imibeconazole, difeconazole, tebuconazole ou tiofanato metílico. Os produtores devem seguir as recomendações da bula dos produtos e tomar todos os cuidados de proteção (uso de EPI) durante a pulverização.

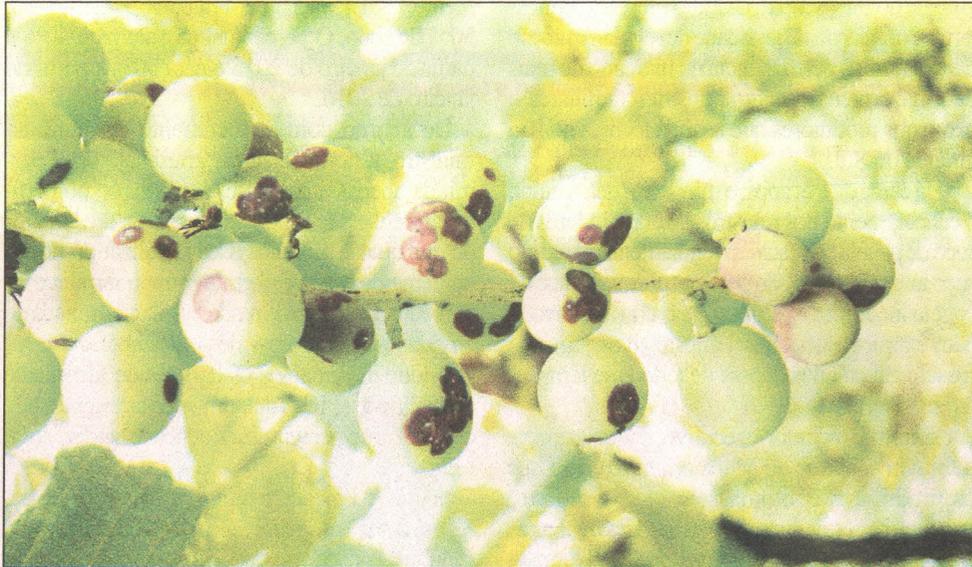


Figura 4: Lesões em baga causadas por antracnose.



Figura 3: Lesões e atrofia do broto apical causadas por antracnose.